

# Água - um manifesto para o século 21

Quando olho pela janela da minha sala no mar de prédios em São Paulo às vezes fica inevitável revisitar na memória o que andei fazendo até pouco antes da pandemia. Eu me sento de volta ao computador e olho para as minhas fotografias. Água é o tema do século, é a história de todas as histórias. Como fotógrafo, eu dou o testemunho a partir do que vejo, para tentar não me perder no esforço de entender o que está errado: o que eu não quero mais para mim. Eis um excelente ponto de partida para o ajuste de rota que desejamos para as gerações futuras. A especialista e ativista canadense Maude Barlow, aponta em seu livro *Água - Pacto Azul*, pelo menos três cenários para nossa reflexão: o mundo está ficando sem água doce por desvio, esgotamento ou poluição das fontes disponíveis; a cada dia, mais pessoas estão vivendo sem acesso à água lim-

pa; há um obscuro cartel corporativo capaz de assumir o controle de todos os aspectos da água a fim de obter lucro em benefício próprio.

Sempre que faço uma fotografia hoje, penso no meu filho. É o legado da memória. Mais do que gerar conteúdo e massa de ideias, fotografar para mim, se tornou um ato de resistência, uma candeia moral. Uma revolução íntima, interior. Neste momento suspenso em que o mundo está unido olhando para o futuro, é terrível constatar que água, o elo mais básico da vida, ainda é uma raridade para grande parte do planeta. A partir desta reflexão, iniciei há três anos uma jornada em busca de respostas, sem saber ao certo onde eu iria chegar.





**POR: ÉRICO HILLER**

No ano de 2019 eu já estava há seis meses viajando para fotografar vidas de famílias que passam dificuldades com consumo de água não apropriada. A esta altura do meu projeto, cheguei ao Vale do Jequitinhonha (MG), num momento em que a previsão meteorológica alimentou o plácido de um período mais chuvoso, com boas perspectivas para a lavoura, depois de mais de sete anos de estiagem. Passou janeiro e fevereiro e nada. Em plena estação de chuvas, o que vimos até agora foram apenas duas precipitações fortes, porém rápidas, que caíram em áreas dispersas e serviram apenas para dar um breve ânimo aos esperançosos trabalhadores rurais deste vale de cerrado, cheio de grotas e algumas veredas resilientes, no nordeste mineiro. Depois de nos mostrar uma jiboia que tinha acabado de matar, Dona Márcia se despediu de mim: “Dizem que es-

tu ficando louca, mas não estou. Como se pode viver assim? A coisa que eu mais quero no mundo são meus filhos perto de mim... E água!”.

Cruzei um trecho caudaloso do rio Jequitinhonha, em Minas Gerais, com meu carro sobre uma balsa. Parecia impossível reconhecer que justamente a água era um problema por ali. Um pouco mais adiante, quando passei por uma fazenda árida na comunidade Retiro, entrei na residência de Dona Márcia Lima. Ela começou se desculpendo pela bagunça. Tentei criar um ambiente descontraído, mas, em vez de causos, desta vez pairava uma ansiedade no ar. Conteí que estava ali para entender seus problemas relacionados à água. Foi então que ela não resistiu e começou a chorar com as mãos trêmulas sobre os olhos. “Eu pedi hoje mesmo a Deus que me enviasse anjos, e vocês apareceram!”, disse. “Nós vivemos nessa miséria. Olha as roupas que estamos usando. Bebemos só a água da chuva e nos banhamos num lamaçal”.

Dona Márcia me leva a uma nascente desprotegida, fétida e esverdeada. É a única forma de tomar banho, mesmo na época de chuvas. O caminhão pipa é um curativo não sustentável à situação – famílias esperam entre 90 e 120 dias para receberem água tratada. “Fazemos tudo que podemos, não temos recursos. Às vezes, o que dá para fazer é enviar o caminhão pipa uma vez ao dia. É uma família de cada vez, olha o tamanho da lista”, conta o secretário de obras da cidade de Almenara (MG), Juraci Botelho, com uma pilha enorme de papéis na mão.

O clima mais seco bagunçou a

vida no vale mineiro de uma década para cá, transformando a situação em inferno para os que moram em comunidades mais afastadas dos grandes municípios. São pequenos grupos rurais, famílias dispersas e alguns quilombolas que vivem como podem com pouca água e em constante espera de chuva para abastecer suas cisternas. São regiões como as que visitei de Córrego de Narciso, Prata, Chapada do Norte, Palestrina, entre outras. Em locais como esses, os jovens migram para as cidades grandes, e os pais, geralmente com idade avançada, não dão conta da roça, cuja produção mal dá para o consumo próprio.





Sem alternativa, precisam fazer compras em mercados, gastando o que ganham de aposentadoria ou do Bolsa-família, esgotando suas economias para ter pelo menos um café para tomar.

“Estamos observando uma mudança do padrão de comportamento da chuva. É indiferente se a alteração do clima é antrópica ou não, o que estamos vivendo hoje é uma nítida aceleração dos processos de convecção”, disse Roberto Kirchhein, hidrogeólogo do Serviço Geológico Nacional. “A água evapora, circula e volta a chover. Chuvas torrenciais que antes tinham um período de retorno mais amplo

começam a acontecer com mais frequência. E o período de estiagem, também. São tempestades intercaladas de secas”.

### **O Drama no Himalaia**

A senhora Stanzin Iadol me leva até seu vilarejo natal Shara, não muito longe da cidade de Leh, a maior da região. Hoje sua casa está abandonada e a vila inteira foi evacuada por um motivo primordial: acabou a água. Certo dia, com o adubo já distribuído sobre a terra, os moradores olharam a geleira secar e a água veio apenas em miúdos filetes. O maior dos temores se transformara em realidade – a água nunca mais voltou. Ela me leva até sua antiga

casa vazia onde nasceu e vivera anos de felicidade e fartura. Foi construída por seu avô há quase 100 anos. Apenas alguns sapatos velhos e utensílios domésticos empoeirados restavam no chão. Assim como a água, a saga humana terminou em Shara e todos se foram.

Essa parte da Índia mais se assemelha a um grande deserto, não fosse o fato de que nos invernos severos tudo se transforma em uma massa branca infinita de neve. A contradição é que a mesma neve que deveria prover água pelo derretimento está vindo e indo mais rápido, não garantindo a perenidade e, portanto, o controle de sua vazão. O gelo precisaria derreter ao longo das meias estações e no verão, deixando o suficiente para as pessoas e para a lavoura pelo resto do ano. Assim, muitas soluções que eram eventualmente praticadas por antepassados tornaram-se o conhecimento vital para a sobrevivência em outras regiões de Ladakh – uma delas é desviar o curso da água do derretimento do gelo para se produzir pequenas

geleiras artificiais em encostas sombreadas. Funcionando como as barragens que vi no Jequitinhonha, as galerias artificiais têm permitido que as vilas “estoquem” água o suficiente na forma de gelo, driblando o clima enquanto ainda é possível, garantindo o mínimo para sobreviver, pelo menos até que chegue a um contribuinte do rio Indus, o maior da região. A vida ainda resiste por meio da sabedoria.

Enquanto nas grandes cidades sentimos as ondas de calor inclementes e enchentes fora de temporada, nas comunidades rurais isoladas mundo afora a menor variação do clima exerce um impacto significativo nos regimes pluviais e hidrológicos. Na prática, isso impõe um regime de adaptações sem aviso prévio a povos rurais que sempre tentaram compreender o mundo natural e viver em harmonia com ele, respeitando-o e extraindo o suficiente para sobreviver e conservar.

#### **A lenta morte do Mar Morto**





O encolhimento das bordas do Mar Morto é visível a olho nu, sendo possível perceber as variações mensalmente, me conta um morador da região. Enormes buracos e erosões no solo surgem do dia para a noite – perigos para pessoas e animais. Casas, hotéis e empresas simplesmente se mudam ou são engolidas pelo chão. Falta de água e o aumento da temperatura são as principais preocupações. O rio Jordão é a principal fonte de água fresca para a Jordânia e já foi 4 vezes mais volumoso do que é hoje. “O Mar Morto é um lago salgado notável, cheio de minerais, que testemunhou a herança humana e agora encolhe mais de um metro por ano”, me explica Eshak Al Guzaa, gerente nacional de projetos da organização EcoPeace Middle East. “As bacias hidrográficas estão sendo superexploradas, com uma taxa de bombeamento que varia de 150% [da capacidade] em aquíferos menores a 210% nos grandes. O desafio da mudança climática está patrocinando nosso fracasso na gestão da água.”

Cheguei até o extremo sul do vale do Jordão, onde o mar desapareceu por completo dando espaço a uma planície ardente e salgada. Entrei na casa de Um Khaldoun, uma mulher sorridente que tem 11 filhos e estava grávida do 12º. Sua cozinha é anexa ao único banheiro que tem na casa, o que fazem os cheiros de comida e esgoto se misturarem no ar. Com

um pouco de água num balde, ela esfregava o chão com seu filho. A luz do sol entra pela janela e deixa o final do dia mais quente e mais triste pra mim. Khaldoun fala pouco mas reclama que cobras começaram a surgir depois que covas de um antigo cemitério ao lado de sua casa se transformaram em ninhos. Hoje ela vive de ajuda de vizinhos, que doam um pouco de água quando possível. Resiliente, ela me parece ser o retrato da mulher do Oriente Médio: forte e íntegra, um rosto para representar a humanidade, que, limpando o suor dos olhos, me dá uma discreta ideia do que seria viver naquelas condições. A vida não é fácil quando se mora no ponto mais baixo habitável da Terra.

Ghor Mazra-a é uma pequena vila de casas escuras de onde ainda conseguimos ver, ao longe, uma linha azul do que resta do Mar Morto. Entrei em uma casa onde moram 25 pessoas. Os simpáticos irmãos Jafar e Amir puxam cadeiras de plástico para mim e para o meu tradutor de árabe. Os sorrisos de boas vindas vão mudando para um tom mais realista depois que tomamos o tradicional chá vermelho. Eles me mostram como guardam a água em galões para beber e me contam que o governo disponibiliza caminhões-pipa duas vezes por semana. É um estresse enorme gerenciar água para tudo e para todos. Naquele dia, o tanque de reserva estava vazio.

“Quando acaba, pegamos mesmo das piscinas de irrigação. Sim, sabemos que é suja”, dizem, apontando para uma cratera no meio da areia coberta com um plástico preto para reter água. Vejo um outro homem se abaixando para bebê-la. O senhor Ahmed olha para mim com canto dos olhos mas não se incomoda com a minha foto. “A situação aqui vai muito mal”, ele comenta. Conto para Jafar que tenho viajado muito para documentar famílias que sofrem com a falta d’água e ele me pergunta: “Por acaso existe algo pior do que isso aqui?”. Silêncio. Minha cabeça vai longe, lembro do Brasil, meu país, mas não consigo deixar de pensar na Etiópia.

### Os baldes amarelos pela África

Cruzei a Etiópia de sul a norte pela segunda vez para documentar as histórias da água no começo de 2020. A Etiópia é emblemática para nos ensinar sobre o que acontece no mundo – trata-se do segundo país mais populoso da África e da nação com menos água potável disponível por habitante. Pela característica climática, geográfica e populacional, é na Etiópia onde podemos ter uma dimensão visual do que é viver com pouco, aproveitando apenas o se que tem naquele dia. A água é a agenda diária da grande maioria das mulheres e crianças. Para onde quer que olhemos, há alguém com um galão de plástico amarelo nas costas.







A economia etíope é baseada na agricultura. Cerca de 86% da população é formada por agricultores rurais. A região sul do país é uma amostra do que foi a África antiga. As tribos do vale do Omo, ao sul, isoladas e culturalmente preservadas, são um exemplo de como o homem vivia em compromisso com a vida, praticando a caça e a coleta e, depois, a agricultura e a pecuária. Pouco mudou, mas nos últimos 20 anos a região foi invadida por uma enxurrada de turistas. Celulares, carros modernos e redes de energia dão um tom interessante para um lugar que obriga o passado a coexistir com o futuro. As tribos estão se adaptando cada vez mais às tecnologias e às possibilidades trazidas pelo governo, por pesquisadores e ONG's. Em algumas comunidades da etnia hammar, por exemplo, os buracos em rios que são cavados à mão nas épocas secas para procurar uma linha barrenta de água para beber, agora estão dando lugar a cisternas que captam águas de chuvas, a partir de grandes terraços que são construídos em áreas abertas. Eu já tinha visto sistemas parecidos em diversos locais no mundo, inclusive no semi-árido brasileiro.

Visitei o vilarejo Bitá Gelefa e o nível da água estava tão baixo que as pessoas se revezavam, entrando uma de cada vez, em uma pequena abertura por uma escada até o fundo de um tanque de chuva, pegando de dez

a 20 litros por vez. Desci junto e testemunhei o martírio diário de mulheres como Bona Arbane, 32 anos, cujos músculos dos braços brilhavam cheios de veias, num ambiente reluzente como num cenário de teatro – trágico e literário, onde um pequeno capítulo de crise hídrica se manifesta em silêncio. A subida com o galão na mão em uma escada de ferro é uma operação inimaginável, que exige equilíbrio e muita força. Algumas repetem a operação quatro ou cinco vezes ao dia. Ao saírem descalças do ambiente úmido, o desafio é evitar os escorpiões que se acumulam em volta do buraco da escada – uma delas me mostra um que havia acabado de matar. Um pequeno problema leva a outro, e toda a cadeia de demandas hídricas cria desafios não ditos que jamais podemos saber. Na caminhada de volta, do alto de uma colina amarelada, pude ver uma estrondosa nuvem com bilhões de gafanhotos – um toque apocalíptico e inesperado para um fim de dia que eu jamais vou esquecer.

O que me comoveu foi testemunhar como as comunidades rurais vivem das mesmas práticas há incontáveis gerações, transferindo conhecimento de pai pra filho, no ofício de ler, lidar e sobreviver com as regras e desafios da natureza que rege a vida em meio a planícies e montanhas. Nada passa despercebido para os agricultores – cada linha

de água no solo tem o seu valor, toda sombra é aproveitada. Onde houver uma grande acácia, também haverá uma colmeia artificial em que as abelhas podem acolher seu mel. Os animais domesticados são respeitados e as pessoas trabalham. Muito. Não existe calor ou chuva que tire os agricultores de sua labuta – é emocionante ver tanta gente trabalhando juntas, enquanto há alguma luz do dia. O campo não para, os turnos parecem não ter fim.

“Os agricultores de terras altas da Etiópia dependem de um sistema alimentado pelas chuvas. Eles confiam nas chuvas bimodais que estão por vir. O período mais chuvoso entre julho e agosto é o que traz esperança para deixar as encostas verde claras e fazer com que a colheita mantenha a família”, explica Lemlem Sissay Fetene, consultora internacional na Divisão de Alimentos e Nutrição do Departamento de Agronegócios da Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (Unido). “A esparsa chuva da primavera traz apenas o suficiente para germinar as sementes e obter ciclos curtos. As chuvas são cada vez mais irregulares, o que torna os agricultores vulneráveis e desafia a sustentabilidade de seus meios de subsistência.” A grande maioria dos agricultores etíopes vivem em função da ecologia, não trazem nada de fora, como sementes, nutrientes e pesti-

das. Também raramente irrigam o solo – deixam que as chuvas façam isso. Eles observam a natureza e fazem as providências para atender suas necessidades, mas pequenas variações na temperatura média mudam também os hábitos das plantas, bactérias e insetos. Quando a água vem em tempestades rápidas existe a impressão que há muita água disponível. No entanto, apenas uma pequena parte dela pode ser captada – é como se não houvesse nada.

No extremo norte da Etiópia, fui de carro de Lalibela até Mekele, um panorama campesino entrecortado de pães de açúcar com plantações que sumiam no horizonte repletos de trabalhadores em diligências puxadas por bois e uma infinidade de casinhas, ora esculpidas em estercos de vaca, ora de madeira coloridas. No meio de tudo isso, pequenos filetes de água ainda fluíam em meio a um calor escaldante. Alguns eram apinhados de gente agachada em volta. As mulheres com jarros de plástico buscavam água para as necessidades da casa, para beber e para fazer o prato tradicional etíope, a *ingera*. Crianças sempre corriam em volta, sorrindo, brincando, também carregando sua cota menor de água, dando uma música ao cenário de tirar o fôlego que se desenhava diante de mim a cada curva. Foram 12 horas dirigindo e não vi o tempo passar, pois me sentia abraçado pelo ambien-

te em aparente harmonia entre seres humanos e natureza. Mas algo não me parecia certo – havia alguma tensão no ar. Na estação seca, quando não há uma bomba para sugar o subsolo, a única alternativa é sair caminhando. Eu perguntei onde as pessoas encontravam água, e alguém apontava o queixo na direção do horizonte onde não havia nada. A crise hídrica é uma pequena amostra do que estamos fazendo com nós mesmos. Trata-se de um lento suicídio coletivo. Alguns dos maiores problemas que enfrentamos hoje – pobreza, saúde precária, ausência de educação, injustiça social, insegurança alimentar – possuem uma razão em comum: a água.

Ao observar os rios Jequitinhonha, Omo e Indus desaparecendo no horizonte – seja por estarem secos ou causando enchentes – percebi que não enxergo mais a crise hídrica como um alarme para o futuro, mas algo em pleno curso. Em alguma instância, cada um de nós já deve tê-la sentido. Estatísticas, descobertas e estudos nos dão apenas uma tímida perspectiva da tragédia. Toda essa documentação de histórias da água pelo mundo também me leva a constatar que essa é uma saga predominantemente feminina. Assim como Márcia, no Brasil, Stanzin, na Índia, ou as mulheres *hammers* na Etiópia, muitas outras mundo afora estão sendo as protagonistas de uma geração que precisa





lidar com as decisões equivocadas de quem não priorizou a água no passado. Hoje, a ideia da fonte infinita dá lugar a um tom mais realista: a água nunca vai acabar, mas as fontes limpas estarão disponíveis apenas para os que poderão pagar por elas. Um drama ecológico que deve aprofundar as diferenças entre as pessoas, transformando-o num drama humanitário. Foi por isso que combinei o viés histórico, ecológico e geológico e resolvi olhar através de uma só perspectiva: a das pessoas que acordam e já precisam pensar em como conseguir água todos os dias. Apenas elas nos darão a real dimensão dessa crise. Então em 2020 em plena pandemia eu entendi que havia chegado o momento; a hora de trazer toda essa reflexão em meio ao momento que vivemos. O meu livro estava pronto. Na capa apenas uma palavra, Água.

Fonte:  
HILLER, Érico. Água. São Paulo: Vento Leste, 2020.  
<http://www.ericohiller.com.br/home>